

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Professores de história na “Histórica” são João Del Rei**

Maria da Luz Coelho\*

**Resumo:** Neste trabalho refletimos, a partir de entrevistas com seis professores de História do ensino médio da cidade de São João del-Rei, como/ou se eles relacionam suas memórias à memória desta cidade tricentenária que integra o chamado circuito mineiro de “cidades históricas”.

**Palavras-chave:** ensino de História, memória, lugar.

**Abstract:** In this work we reflect from interviews with six high school history teachers of the city of São João del-Rei as/or if they relate their memories to the memory of this three hundred years old city that integrates the well-known “historical cities” of Minas Gerais.

**Key-words:** teaching of History, memory, locality.

Um espaço urbano é percebido de imediato a partir de sua aparência: a disposição do casario, seu estilo, o traçado das ruas, suas praças, monumentos... Imediatamente após, o funcionamento da cidade passa a ocupar quem a visita. Pode-se, nesse contato, estabelecer relação com o lugar visitado a partir de sensações inicialmente efêmeras, mas que ficarão marcadas na memória através de lembranças agradáveis ou não. Os moradores desse espaço vivenciam-no de modo diverso já que, para além do patrimônio arquitetônico, é ali que está constituída a sua rede de relações sociais que envolvem lembranças individuais e coletivas que dão ao sujeito a sensação de pertencimento. Segundo Tuan (1983), nesse caso, temos a constituição de um “lugar”, ou seja, a segurança decorrente do estabelecimento de estar entre aqueles com os quais compartilhamos experiências, lembranças e sentimentos. Para ele, podemos conhecer esse lugar intimamente, gostar ou não dele em função das nossas experiências, mas “a sua imagem pode não ser nítida” por sermos “de dentro”. Se àquele que “vê de fora”, o turista, falta o “peso da realidade” em função da fugacidade de sua visita, o habitante do lugar pode se deixar levar pela banalização dos monumentos e símbolos do espaço urbano.

Cada cidade contém uma história, seja pelo seu patrimônio material e imaterial, seja pela relação que seus moradores com ela estabelecem. O conhecimento dessa história pressupõe um exercício no qual sejamos capazes de, mesmo sendo “de dentro”, olhar “de fora” o lugar de nossas experiências num movimento de distanciamento e aproximação desse “objeto” que é, enfim, o nosso “lar”. A relação que se estabelece com um “lugar”

---

\* Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Professora de ensino médio Centro Educacional Frei Seráfico

envolve não apenas afetividade, mas também a própria constituição de uma identidade cujo sujeito portador de uma memória – individual e compartilhada – compreende o mundo e a si próprio a partir de referenciais oriundos de sua experiência. Nesse sentido, o espaço urbano como um “universo de imagens” (KNAUSS, 2003) assume uma importância pedagógica, pois seus lugares reservados à preservação da memória têm a função de contar a história da cidade. Segundo Miranda (2004: 85), a cidade vista como um texto é “um lugar de memória e de esquecimento” e os seus “resíduos materiais existentes [...] que se perpetuam como fragmentos objetivos da memória de outros tempos convivem com memórias diversas essenciais à construção de uma identidade”. Paradoxalmente, a concretude desses lugares pode levar ao apagamento, ao silenciamento e à negação de memórias diversas sob uma proposta que se queira hegemônica.

A partir dessas questões podemos pensar de que maneira professores de História, numa cidade que se projeta como uma “cidade histórica”, lidam com os vestígios materiais de épocas diversas que compõem o cenário no qual estão imersos cotidianamente. Qual será o peso desse cenário na constituição dos saberes e na prática desses docentes, tendo em vista que eles são de lugares distintos dessa cidade que, se olhada com mais acuidade, abriga em seu espaço outras cidades de perfis muito diferentes daquela que se quer única? Será que o ser de uma “cidade histórica” agrega algum tipo de elemento que contribui para a composição do repertório de saberes e representações que os professores têm acerca da História?

De um modo geral, quando nos referimos a uma “cidade histórica”, consensualmente pensamos numa cidade colonial. Numa perspectiva do antiquário e do erudito, encerrados “em uma concepção passadista da história” (BLOCH, 2001: p.25), o critério de antigüidade e quantidade do acervo é que define a maior ou menor importância de uma “cidade histórica”. Nesse sentido, alguns personagens, fatos, monumentos são selecionados como memoráveis enquanto outros são relegados ao esquecimento. Podemos apreender a história de uma cidade a partir das suas evidências concretas e visíveis, mas também a partir das narrativas de seus moradores. Elas ganham sentido histórico perpassando “todas as dimensões das mais diversas manifestações da vida humana”, efetuando-se num jogo em que “procedimentos inconscientes” – recalque, afastamento, reinterpretação das lembranças – deixam entrever uma história constituída de elementos de memória que se quer explicitar e perpetuar, bem como outros tantos que se deseja esquecer (RÜSEN, 2001: 169).

No caso de São João del-Rei, as falas dos professores de História, coletadas em entrevistas com roteiro semi-estruturado, denotam essa ambigüidade entre a lembrança e o esquecimento, quando, no fio da história de cada um, dependendo do local onde se mora e do lugar social que se ocupa, a cidade aparece não como uma, mas várias, independentemente da perspectiva que a classifica, genericamente, como uma “cidade histórica”. Por detrás desse rótulo esconde-se uma multiplicidade de vestígios de épocas diversas cujas características estão encravadas nos logradouros públicos, nos prédios, em suas Igrejas etc.

A origem da cidade de São João del-Rei está diretamente relacionada à descoberta e exploração do ouro na colônia, em fins do século XVII, início do XVIII, ainda que a mineração não tenha sido a atividade que motivou o início do povoamento local. Ao que parece, até a descoberta do ouro de aluvião às margens do rio das Mortes, a atividade agropastoril é que caracterizou a economia na região (GRAÇA Filho, 2002: 36). Em 1705, surgiu o arraial que foi elevado à vila em 1713, com o nome de São João del-Rei, denominação que foi mantida após 1838, quando ascendeu à condição de cidade (GAIO Sobrinho, 1996).

Segundo Graça Filho (2002: 36), passado o auge da exploração aurífera, São João del-Rei “retornaria às características primárias de sua economia”, cujas atividades – agrícola e pastoril – jamais deixaram de ser praticadas ao lado da mineração. A proximidade com o Rio de Janeiro, sede da Corte a partir de 1808, e o acesso à Estrada Real fizeram de São João “um dos mais importantes caminhos do escoamento da produção mineira” até, pelo menos, meados do século XIX (GRAÇA Filho, 2002: 38-39). Segundo esse autor, ainda que se tenha verificado um refluxo da atividade comercial na região, entre as décadas de 60 e 80 do século XIX, não podemos falar de uma decadência generalizada da economia da cidade que, nesse período, figurou como o segundo município em arrecadação, em Minas Gerais, (GRAÇA Filho, 2002: 40).

Se, na cidade, há uma bibliografia relativamente abundante em relação aos séculos XVIII e XIX, sobre sua história no século XX pouco se escreveu. Segundo Gaio Sobrinho (1995), “o século XVIII é o século do ouro” e ainda “permanece vivo”, em São João del-Rei. Apesar dessa visão de decadência após o auge do ouro, nota-se, na cidade, uma relativa prosperidade do final do oitocentos até o início do século XX e isso fica evidente, de acordo com Lima (1995), na arquitetura em estilo variado convivendo com o casario mais antigo. Ainda segundo o autor, apesar do recuo de sua importância econômica,

a partir da primeira metade do último século, a cidade ainda mantém sua “relevância urbana” assentada numa pequena industrialização.

Se pensarmos a cidade como “um texto” (Miranda, 2004), temos escrita, no patrimônio histórico, cultural e arquitetônico de São João del-Rei, a evolução de uma história bastante peculiar em relação às demais cidades mineiras setecentistas. Ao contrário das outras, o espaço urbano sãojoanense é uma mescla de monumentos que vão desde ruas com construções típicas do século XVIII, até os casarões da segunda metade do século XX, passando pelos prédios datados do oitocentos. Enquanto Tiradentes e Ouro Preto guardam traços preservados do século XVIII em seus “centros históricos”, São João caracteriza-se pela mistura de construções de diversas épocas. Conhecer-la produz, às vezes, um estranhamento que pode ser superado quando se olha a cidade como ela é e não como se esperava que fosse. Para o turista, aquele que “vê de fora” (TUAN, 1983), São João del-Rei, cidade tricentenária, é um lugar em que a história se faz presente a todo momento através de seu patrimônio arquitetônico e artístico. O seu cenário pode inspirar surpresa pelo inusitado da multiplicidade de vestígios de épocas distintas postos de forma contígua.

Para além do chamado “centro histórico”, São João comporta um mosaico de bairros, a maioria ocupada em épocas mais recentes, como é o caso da Colônia do Marçal. Esse bairro tem sua história ligada à chegada e ao estabelecimento de imigrantes italianos já no século XX quando, ao lado de pequenos sítios voltados para a atividade agropastoril, foram se formando chácaras pertencentes aos habitantes do “centro histórico” voltadas para o descanso e lazer que hoje se tornaram suas moradias permanentes. O bairro de Matosinhos constitui outra região bem marcada sendo quase uma cidade independente, com grande concentração demográfica, centro comercial dinâmico, escolas etc. Em sua rua principal, o trânsito caótico e a poluição – sonora e do ar – indicam a degradação daquele ambiente. Do ponto de vista arquitetônico, temos uma variedade enorme de estilos que vão desde bucólicas casinhas até as construções sem planejamento e de gosto duvidoso. O símbolo da ocupação do bairro está na destruição da Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, em estilo barroco, no ano de 1970, e a construção, em seu lugar, de um santuário em moldes modernos. Os moradores do bairro reagem, fortemente, mediante críticas e comentários negativos acerca do Matosinhos. Para aquele que “vê de fora” é difícil entender o sentido de pertencimento dos moradores do bairro.

De um modo geral, percebe-se, entre os sãojoanenses, um consenso com relação ao “atraso” da cidade, cujo passado foi marcado pela grandeza do ouro. Para eles, há um hiato entre o brilho do século XVIII e a opacidade do presente. Quando se referem ao

passado, eles simplesmente ignoram o século XIX e grande parte do XX. Acredito ser essa visão reflexo de uma historiografia que defende a tese da decadência mineira com o esgotamento do ouro. Parece-me que a maioria dos livros didáticos contribui para essa perspectiva, ao tratar da economia oitocentista restrita à cafeicultura. Segundo Graça Filho (2002: 15), a cidade “prosperou no oitocentos e se industrializou embrionariamente no ocaso do Império. E que apesar disto, seus habitantes atuais a chamam de ‘a cidade do que já teve’, num desabafo que dispõe um passado faustoso diante de um presente não tão promissor”.

Atualmente, em função da exploração turística, a cidade vive um momento em que políticas públicas são implementadas de modo a valorizar o seu patrimônio cultural e arquitetônico<sup>1</sup>. A cidade está incluída no roteiro da Estrada Real, um projeto do governo estadual de incentivo ao turismo. Há um discurso oficial de valorização do patrimônio local, mas aquilo que destaca São João del-Rei das demais cidades mineiras – vestígios dos seus quase três séculos de existência postos lado a lado – não se apresenta, ainda, como um diferencial.

E os professores de História na cidade? De que maneira esses sujeitos se posicionam nesse cenário? Nas entrevistas eles foram explicitando o que sentem pela cidade e como nela se sentem. Segundo Miranda (2004: 82), narrar pressupõe “operações de seleção e, conseqüentemente, de exclusão” que espelham esquecimento, negação ou valorização de determinados aspectos da memória que servem para justificar esse sentimento que passa pela noção de pertencimento ou não a um determinado grupo ou lugar. Vejamos, então, o que esses professores têm a dizer sobre São João del-Rei.

Marina é sãojoanense e “ama” a cidade. Para ela, “São João del-Rei, a cidade mais linda do mundo, maravilhosa. Ela se orgulha de ser de ‘família tradicional’. Para ela, a riqueza histórica de São João está relacionada à galeria local de personagens ilustres que deram à cidade projeção na política estadual e nacional.

Raul explicou que é sãojoanense, “nascido lá no centro”. Ele se declarou “apaixonado pela cidade” e, olhando a Igreja de São Francisco, pensa nunca ter visto “um quadro pintado desse jeito”. O professor mora, desde que se casou, no Matosinhos e se lembra, com saudade, da infância no centro da cidade. Ele avalia que “o povo do Matosinhos não se sente de São João del-Rei”. Em

---

<sup>1</sup> Ao longo de 2007, São João del-Rei torna-se Capital Brasileira de Cultura, sucedendo Olinda. Para ostentar esse título, uma cidade se compromete a investir em vários setores sociais, econômicos e ambientais, de modo a beneficiar toda a população numa perspectiva inclusiva.

sala de aula, num colégio situado nesse bairro, trabalhando a Guerra do Paraguai, Raul pediu que os alunos trouxessem nomes de logradouros públicos cujos nomes os remetessem ao conflito. Apesar das várias ruas no centro com nomes de personagens da Guerra, poucos foram os alunos que cumpriram a tarefa. Segundo o professor, isso demonstra o distanciamento deles com relação à cidade que não sentem como sua. Raul define São João como “uma cidade engraçada [...], que vive mais pela aparência do que por aquilo que é”. O professor não soube dizer se gosta menos da cidade hoje, porque já pertenceu à “sociedade” e, mora no Matosinhos: “quando você sai do processo, você é excluído”.

Rômulo gosta muito da cidade. Segundo ele, “uma cidade tranqüila” onde conhece todo mundo. Ele nasceu no Tijuco, morou a maior parte de sua vida no Bairro das Fábricas e, depois, mudou-se para o Matosinhos. O professor acha que a cidade já “foi melhor”, que ela agora “está muito insegura, [...] os relacionamentos estão cada vez mais distantes”. Ele disse ter muito pouca relação com o centro da cidade, “exatamente por morar em bairro”. O centro é, simplesmente, “o local que tem que ir para fazer determinadas coisas”.

Mariana é sãojoanense, da Colônia do Marçal. Ela gosta da cidade por causa de sua família, mas considera-a “uma cidade sem opção de vida”. Mariana se lembra como era difícil morar na Colônia e estudar no centro. A distância era grande e quase não havia ônibus para o bairro. Ela confessa que o centro da cidade “era um caminho” para chegar à escola e, depois, ao trabalho.

Dulce chegou a São João del-Rei já adolescente, vinda de uma cidade próxima. Ela gosta de São João, acha-a “muito bonita”, mas sente “tristeza quando vê que não existe uma política voltada para o aspecto cultural”. Quando chegou – em meados dos anos de 1960 – foi morar no Matosinhos, depois no centro e hoje está na Colônia do Marçal. Apesar das mudanças, ela nunca se desligou do primeiro bairro onde morou porque sempre trabalhou na escola situada no Matosinhos. Ela disse que considera o centro de São João como sua cidade, que é bonita “pela sua história, pela sua estrutura física [...] o cultural”.

Carolina veio de uma cidade maior e mais distante de São João del-Rei. Sua primeira impressão foi de que era “meio descaracterizada, como cidade histórica”. Ela veio para São João “por necessidade” e, desde então, por ser muito

“patriota”, incomoda-se com a “desvalorização [...] dos habitantes em relação à cidade.” Sempre que possível, ela visita, com os alunos, a Serra do Lenheiro, local onde existem inscrições rupestres. Todo ano ela “passa pelos pontos históricos, faz um trabalho relacionado a essa parte de História do Brasil” e visita o Museu Regional, onde um historiador do IPHAN fala “de toda aquela parte de conservação”.

De maneira geral, independentemente da cidade onde nasceram, os professores revelaram, em suas falas, um sentimento de não pertencimento, de modo que, nativos ou não, à exceção de Marina, os demais são “estrangeiros” numa cidade onde o binômio identidade/alteridade se faz representar pela oposição entre o “centro histórico” e os bairros do seu entorno.

Segundo Nora (1993: 10), memória é a vida “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Nas falas desses professores, os silêncios a respeito de aspectos arquitetônicos de São João del-Rei, o laconismo, a ausência da história local nas salas de aula demonstram uma situação na qual esses sujeitos mostram-se duplamente excluídos. Em primeiro lugar, por não fazerem parte, à exceção de Marina, do grupo de famílias tradicionais que sentem como sendo sua a história da cidade. Depois, a questão espacial define, de certa maneira, o sentido de pertencimento do indivíduo que reconhece como sendo seu “lugar” aquele no qual é possível compartilhar suas lembranças, ou seja, o bairro onde vive.

Quando falam de São João del-Rei, os professores repetem o discurso corrente que fala genericamente de uma “cidade histórica”, reforçando o senso comum que nos remete ao período colonial. Ao mesmo tempo, quando rememoram suas histórias, eles se referem aos bairros onde nasceram ou viveram, ou seja, eles falam de seus “lugares”. O centro histórico não lhes pertence. A sua beleza é consenso entre os entrevistados, mas, tal qual um “quadro pintado”, ele está aí para ser contemplado e não como espaço que abriga sujeitos, experiências e relações de afeto. O distanciamento faz com que esses professores se relacionem com o centro histórico como se ele fosse um “lugar de memória”, tal qual um museu ou arquivo que guardam um “estoque material” do que deve ser rememorado, mas que, algumas vezes, provocam, pela sua artificialidade, uma “absoluta falta de vontade de memória” (NORA, 1993).

Os professores sentem-se excluídos. Seus lugares estão, de um modo geral, na periferia daquilo que é considerado representativo de um período glorioso da história da cidade. Eles não compartilham da memória que se remete a um passado colonial faustoso,

ênfático em detrimento dos períodos subsequentes. Em contrapartida, a história local não se faz presente em sala de aula. O silêncio atinge até mesmo o período do auge da mineração, quando se fala da região das Minas de forma mais geral. A história de São João aparece, quando muito, de forma pontual, numa abordagem tradicional ligada à ênfase em acontecimentos e/ou personagens isolados, tal como, o local exato do nascimento de Tiradentes, por exemplo. Apenas Carolina desenvolve atividades com seus alunos, utilizando, como recurso, o patrimônio histórico local.

A consideração de um determinado bairro como seu “lugar” não leva a que esses professores façam dele um pretexto para trazer para as aulas a sua própria história e a da cidade com toda sua diversidade. As evidências materiais de que a cidade é mais que um núcleo histórico colonial não estão presentes nas narrativas, nem nas práticas desses professores. Na fala desses sujeitos que não sentem a cidade como sua repete-se o discurso que representa o senso comum. A memória homogeneizadora da cidade não os reconhece e, em contrapartida, eles sobre São João del-Rei se calam. A cidade deixa de ser um pretexto e/ou um “texto” nas aulas de História.

## BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou, o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

GAIO SOBRINHO, Antônio. *Vertentes*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, vol. VIII, 1995, p. 14-22.

\_\_\_\_\_. *Sanjoanidades – Um passeio histórico e turístico por São João del-Rei*. São João del-Rei: A voz do Lenheiro, 1996.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.

KNAUSS, Paulo. *Cidade Panteão – produção social da imaginária urbana*. In: KNAUSS, P. (coord.) *Sorriso da cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003, p.175-193.

LIMA, Sérgio J. F. de Sousa. *Arquitetura São-Joanense do Século XVII ao XX*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, vol. VIII, 1995, p. 47-63.

MIRANDA, Sonia Regina. *Sob o signo da memória: o conhecimento histórico dos professores das séries iniciais*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação - UNICAMP, 2004.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. In: Projeto História, n. 10, Dezembro/1993, PUC/ São Paulo, p.1-28.

RÜSEN, Jörn, *Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.